

O SIGNO IDELÓGICO FÉ NO DISCURSO
NEOPENTECOSTAL DE EDIR MACEDO SOB
AUSCULTAÇÃO BAKHTINIANA



THE IDEOLOGICAL SIGN FAITH IN EDIR MACEDO'S
NEOPENTECOSTAL SPEECH UNDER BAKHTINIAN
AUSCULTATION

FRANCISCO GEILSON ROCHA DA SILVA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)

RECEBIDO EM 15/02/2018 • APROVADO EM 26/03/2019

Abstract

The present article aims to analyze the ideological sign faith in the neopentecostal discursive production of bishop Edir Macedo, from the Universal Church of the Kingdom of God, taking also into account the concepts of dialogism, theme and significance for the Bakhtin Circle. The highlighted text for the analysis is "The Treasure of the Faith", by Edir Macedo, extracted from

the bishop's official blog. Specifically, this work intends to show the senses, the voices and the ideological disputes carried in the semiotic material in appreciation, based on the dialogical-constitutive relation of the concrete enunciation of Edir Macedo with other statements with which it has a relation of responsiveness. From the analysis, we can perceive the dialogical relations that the ideological sign highlighted maintains with the biblical conceptions of faith and with the neopentecotal voice. We conclude that the word faith, in the discourse of Edir Macedo, is redefined, taking on the meaning of an instrument through which one can achieve the desired benefits.



Resumo

O presente artigo objetiva analisar o signo ideológico fé na produção discursiva neopentecostal do bispo Edir Macedo, da Igreja Universal do Reino de Deus, levando-se também em consideração os conceitos de dialogismo, tema e significação para o Círculo² de Bakhtin. O texto em destaque para a análise é “O Tesouro da Fé”, de Edir Macedo, extraído do blog oficial do bispo. Especificamente, este trabalho tenciona mostrar os sentidos, as vozes e as disputas ideológicas carreados no material semiótico em apreço, com base na relação dialógico-constitutiva do enunciado concreto de Edir Macedo com outros enunciados junto aos quais trava uma relação de responsividade. Da análise, pudemos perceber as relações dialógicas que o signo ideológico em destaque mantém com as concepções bíblicas de fé e com a voz neopentecotal. Concluímos que a palavra fé, no discurso de Edir Macedo, é ressignificada, assumindo valorativamente o sentido de um instrumento por meio do qual se pode alcançar as benesses almejadas.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Faith. Ideological sign. Dialogic relations.

PALAVRAS CHAVE: Fé. Signo ideológico. Relações dialógicas.

Texto integral

Introdução

Nas últimas décadas, muitos eventos e encontros acadêmicos têm sido realizados no intuito de definir o “estatuto” da Linguística Aplicada (doravante LA). A necessidade desses espaços de discussões justifica-se pela ligação inicialmente existente entre a LA e a Linguística e a consequente identificação epistemológica entre ambas, de modo que a LA era vista apenas como uma aplicação da Linguística no ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras.

Essa perspectiva reduzida deixou marcas na concepção que ainda se tem de LA. Como uma ciência aplicada a LA foi, por muito tempo, vista como uma subárea da Linguística – a “ciência pura” (CELANI, 1992, p. 17) –, imagem que gerou muitas dificuldades, e que ainda hoje perdura em alguns espaços acadêmicos. Dessa maneira, equivocadamente a LA foi pincelada como um campo disciplinar dependente de outro, carente de teorização em seus próprios termos. Todavia, “está claro para os que hoje militam na LA no Brasil que, embora a linguagem esteja no centro da LA, esta não é necessariamente dominada pela Linguística” (Idem, p. 21), mas pode se relacionar igualmente, a depender do contexto e da pesquisa empreendida, com outras áreas do conhecimento como a Antropologia, a Psicologia, a Sociologia, a Filosofia, o Direito etc., e não apenas com a ciência fundada por Ferdinand de Saussure.

Como um espaço “indisciplinar” (Moita Lopes, 2009, p. 19) que, por seu caráter mestiço, se recusa a se constituir como uma disciplina convencional, a LA volta sua atenção para os problemas enfrentados pelos usuários da linguagem em suas práticas languageiras, situadas no contexto social, como uma ciência tipicamente social (Lopes 1996, p. 20). Qualquer problema que envolva o uso da linguagem – na escrita, na leitura, na oralidade, na sala de aula, nas empresas, no consultório etc. – interessa diretamente à LA, por essa razão, a LA é uma ciência aberta a transpor limites e fronteiras disciplinares, a saber, uma ciência transdisciplinar, sem cânones definidos (LOPES, 2009).

Dessa forma, o espaço religioso também pode ser pensado como um campo fértil para pesquisadores em LA. Nesse ambiente social, existem problemas socialmente relevantes ligados ao uso de linguagem, facilmente verificáveis nos discursos produzidos, distribuídos e consumidos nesse ambientes, e que tem grande repercussão em periódicos, mídias sociais e na grande massa de uma maneira geral. O discurso religioso serve-se da linguagem “como um de seus principais mecanismos de persuasão e poder” (CARMO, 2001, p. 145).

No universo religioso brasileiro, o neopentecostalismo² tem-se revelado um lugar no qual fervilham interessantes fenômenos de ordem discursiva. Na proporção em que o se dissemina, o discurso³ neopentecostal vai disseminando, *pari passu*, suas refrações, suas ideologias e seus acentos apreciativos sobre o mundo, sobre outros discursos e sobre outras esferas ideológicas. Segundo Mariano (1999, p. 9), o neopentecostalismo é a “vertente pentecostal mais recente e dinâmica, responsável pelas principais transformações teológicas, axiológicas, estéticas e comportamentais por que vem passando o movimento pentecostal” no mundo e, especialmente, na igreja evangélica brasileira, sendo um importante articulador de sentidos em nossa sociedade (GONÇALVES, 2015, p. 15).

Nesse artigo, interessa-nos frontalmente o signo ideológico fé no discurso de Edir Macedo, principal líder da Igreja Universal do Reino de Deus (doravante IURD), “ponta de lança” do neopentecostalismo brasileiro (MARIANO, 1999, p. 42). Nosso *corpus* será um texto extraído do blog oficial do principal líder da IURD, cujo título é “O Tesouro da Fé”.

A opção do *corpus* justifica-se por se tratar de uma voz relevante e de credibilidade para 2,1 milhões de brasileiros – que se declararam leais à IURD,

conforme o censo de 2000 (BLEDSOE, 2012, p. 51) –; a voz do líder de uma denominação com 4.748 templos, 9.660 pastores, isso no Brasil, com templos espalhados por 172 países⁴ e ainda uma imensa cobertura de rádio e televisão (Idem, p. 52). A IURD, principalmente no discurso de seu principal líder, é um fecundo campo de criação ideológica, mesmo porque, como acontece na maior parte das igrejas neopentecostais, “não se pode separar a IURD de seu controverso e carismático líder” (Idem, p. 50).

O intuito da presente análise é perceber as refrações materializadas pelo signo ideológico fé, as vozes com as quais mantém relações dialógicas, os acentos apreciativos que externa e de que modo o mesmo é discursivamente ressignificado. A análise enseja também uma valiosa oportunidade de perceber de que maneira uma única palavra pode ser veículo de múltiplos e diferentes acentos ideológicos, vozes diversas e contraditórias, e ainda assim manifestar sentidos relativamente estabilizados.

O universo neopentecostal brasileiro

Um instigante fenômeno da religiosidade brasileira, inicialmente apontado pelo censo de 2000 (IBGE) e confirmado pelo mais recente censo publicado em 2012 – o censo 2010 (IBGE) –, é o crescimento da igreja protestante-evangélica no Brasil nas últimas duas décadas. De fato, o censo divulgado em 2000 revela a maior eclosão numérica de evangélicos registrada até então – 15,4% da população brasileira –, crescimento confirmado no censo seguinte (2010), no qual a igreja evangélica é mostrada como detentora de 22,2% da população, contrastando, por exemplo, com a acelerada diminuição do rebanho católico-romano no Brasil.

Esse crescimento da ala evangélica no Brasil resulta do florescimento de “um tipo especial de protestante, do qual fazem parte os pentecostais⁵ e neopentecostais, que projetou na opinião pública um termo hoje tão conhecido de todos: os evangélicos” (CAMPOS *apud* SOUZA & MARTINO, 2004, p. 107). Os evangélicos, principalmente os de matiz neopentecostal, deixaram de ser apenas uma forma de contestar a realidade e a sociedade, e passaram a desenvolver “mecanismos internos de inserção no panorama cultural e político do ‘mercado religioso’ brasileiro” (Idem, 2004, p. 108). Também se deve a esses evangélicos a responsabilidade por tirar “do protestantismo aquela imagem convenientemente autoconservada[...] de que eram ‘um pequeno povo mui feliz’, como afirmavam os cânticos espirituais de origem norte-americana [...], na década de 1950” (Idem, p. 108).

Mas para uma melhor compreensão do neopentecostalismo, é imperioso olhar o percurso genealógico do movimento, desde o pentecostalismo surgido no início do século XX. Para isso, recorreremos às tipologias adotadas por Mariano (1999) para descrever as “formações pentecostais” (Idem, p. 23). Para o sociólogo, o pentecostalismo pode ser subdividido em três linhas: pentecostalismo clássico⁶, deuterpentecostalismo e neopentecostalismo (Idem). Essa divisão baseia-se nos três distintos momentos vivenciados pelo pentecostalismo no século anterior, geradores de acentuadas diferenças institucionais, éticas e doutrinárias nos grupos e denominações surgidos a partir de cada uma dessas ocasiões específicas.

O pentecostalismo clássico foi a forma inicial de pentecostalismo surgida nos primeiros anos do século passado, cujos representantes mais conhecidos são as igrejas Congregação Cristã (1910) e Assembleia de Deus (1911). Os principais distintivos do movimento e, conseqüentemente, das igrejas nascidas nesse contexto são: um forte anticatolicismo, rejeição do mundo exterior (ascetismo), membresia majoritariamente formada por pessoas pobres e de baixa escolaridade, ênfase no batismo no Espírito Santo seguido da experiência do “falar em línguas”⁷.

O deuteropentecostalismo ou “segundo pentecostalismo” (“deutero”, palavra grega, significa “segundo”) surgiu na década de 50 com os movimentos de evangelização em massa, cruzadas em praças públicas, dando evidente destaque à cura divina. Teologicamente, não diferia consideravelmente do pentecostalismo clássico, salvo a ênfase na cura. No entanto, por maior que sejam as similaridades entre as duas vertentes, a segunda se estabeleceu quarenta anos depois, com diferenças nos métodos de evangelização e acentos doutrinários próprios, justificando, assim, uma categorização diferente da primeira. Além disso, o deuteropentecostalismo suscitou uma fragmentação denominacional no pentecostalismo clássico, fazendo surgir outras igrejas como Brasil Para Cristo (1955), Deus é Amor (1962), Casa da Bênção (1964), além da protagonista Igreja Quadrangular (1953) – uma das principais representantes desse segundo pentecostalismo (MARIANO, 1999, p. 32).

O neopentecostalismo, o terceiro da tipologia, é herdeiro direto dessas formações pentecostais. O movimento, surgido a partir da década de 70, com considerável crescimento nos anos 80 e 90, não nasceu no vácuo, mas emergiu com feições de inovação e com um claro propósito de romper com alguns compromissos do velho pentecostalismo. As principais rupturas giram em torno da negação do sectarismo e ascetismo de viés puritano, tão marcante nas formações pentecostais anteriores. Outras antíteses encontram-se na postura de afirmação do mundo, no indisfarçável apego às coisas dessa terra, no “aburguesamento de pequenas parcelas de sua membresia, [...] na crescente acomodação à sociedade”, [...] franca adequação “à cultura de consumo”, busca por poder e reconhecimento social (Idem, p. 8 – 9), além da teologia da prosperidade⁸.

Mudanças significativas foram produzidas no cenário religioso brasileiro sob a influência do neopentecostalismo, que ofereceu “ao Brasil um novo rosto como fenômeno religioso, uma nova imagem, um novo discurso [...] construindo uma nova forma de crer” (GONÇALVES, 2013, p. 15). O movimento neopentecostal se destaca como um instigante fenômeno, mote para interessantes discussões e análises por parte de pesquisadores das Ciências da Religião, Teologia, Ciências Sociais, Filosofia e também da LA.

Dentre as principais representantes do neopentecostalismo estão: a Igreja Internacional da Graça de Deus, do missionário Romildo Ribeiro Soares; Igreja Cristo Vive, do apóstolo Miguel Ângelo; e a IURD, do bispo Edir Macedo. Dentre estas, a IURD é considerada “a principal igreja neopentecostal e, não por acaso, a maior novidade do pentecostalismo brasileiro” (MARIANO, 1999, p. 34). Assim assevera Gonçalves:

A IURD em seu neopentecostalismo construiu um sistema religioso que foi capaz de inovar conceitos e valores, trazendo uma nova linguagem que alcança o popular. Propõe oferecer aquilo que se busca como respostas e soluções imediatas para os sofrimentos. [...] é um modelo de sucesso que ainda se dá ao luxo de ser copiado por movimentos neopentecostais contemporâneos (GONÇALVES, 2013, p. 47).

É exatamente o discurso do principal líder da IURD o objeto de análise nesse artigo. Mais especificamente, o signo ideológico fé no discurso do bispo como um meio de auscultar relações dialógicas, posicionamentos axiológicos, apreciações valorativas e ideologias presentes nesse material semiótico.

A seguir, faremos uma sucinta discussão sobre os conceitos de dialogismo, signo ideológico, tema e significação, conforme aparecem no pensamento dos principais representantes do Círculo de Bakhtin.

Alguns pilares conceituais do Círculo de Bakhtin

Adentrar no universo conceitual bakhtiniano é estar comprometido com a árdua tarefa de examinar, no mínimo, as principais obras escritas pelos mais destacados representantes do Círculo: Medvedev, Voloshinov e Bakhtin. Isso porque os conceitos trabalhados por esses pensadores não encontram acabamento final em nenhuma obra específica, mas se acham espalhados ao longo dos textos por eles produzidos. Somente a leitura “dialógica”⁹ desses textos possibilita uma razoável compreensão “dos posicionamentos essenciais diante da linguagem, da vida e dos sujeitos que aí se instauram e se constituem” (BRAIT [org.], 2013, p. 9), assumidos pelo Círculo.

Na obra do Círculo de Bakhtin, alguns conceitos como o de interação verbal, enunciado concreto, signo ideológico e dialogismo são considerados fundamentais, pois sobre os tais se ergue toda a concepção de linguagem do Círculo (MOLON; VIANNA, 2012, p. 146). Nesse artigo, tomamos o signo ideológico como categoria de análise. Além disso, a análise ancora-se também nos conceitos de dialogismo, tema e significação.

Começaremos essa breve discussão teórica pelo dialogismo.

Dialogismo

Para se pensar o conceito de *dialogismo* é indispensável uma consulta à obra de Bakhtin Problemas da Poética de Dostoiévski (doravante PPD). Nesse texto, o teórico russo afirma ser o procedimento formal de Dostoiévski a construção de personagens autoconscientes, inacabadas e portadoras do seu próprio discurso sobre o mundo e sobre si mesmo. O herói dostoiévskiano revela-se, desse modo, em genuíno diálogo consigo mesmo e também com as “consciências dos outros”, conhecendo “todas as possíveis refrações da sua imagem nessas consciências” (BAKHTIN, 2015, p. 59). A personagem da obra de Dostoiévski revela-se dialogicamente, “capta aspectos de si mesma nas

consciências alheias [...], expondo sua última palavra no processo da mais tensa interação com outras consciências” (Idem, p. 61).

O estudo da poética dostoiévskiana não apenas ofereceu a Bakhtin a oportunidade de expor suas descobertas sobre o procedimento estético-formal de Dostoiévski, mas também serviu de mote para que discernisse o diálogo como princípio constitutivo da linguagem. Para o teórico russo, “Dostoiévski teve a capacidade de auscultar relações dialógicas em toda a parte, em todas as manifestações da vida humana consciente e racional; para ele, onde começa a consciência começa o diálogo” (Idem, p. 47).

No tópico “O diálogo em Dostoiévski”, o teórico russo afirma haver uma relação entre o diálogo e a vida. Por meio das relações dialógicas o homem não apenas diz, não provoca a ação, mas atua propriamente dito, revela-se ao outro e si mesmo e, sobretudo, torna-se, “pela primeira vez, aquilo que é” (Idem, p. 293) para os outros e para si mesmo. Portanto, para Bakhtin, o ser depende da comunicação que se dá pelo diálogo, pois “quando termina o diálogo, tudo termina” (Idem).

Essa breve recorrência à PPD justifica-se por ser essa uma obra fundamental para uma adequada compreensão do que vem a ser o dialogismo. Nela o autor russo deixa transparecer, por exemplo, que o funcionamento normal da linguagem é dialógico. Para nos referirmos a algum objeto recorreremos, irremediavelmente, a outros discursos sobre esse objeto, e nunca ao objeto “puro”. Estamos continuamente interagindo com “já-ditos”, conversando com outros enunciados, tomando por base outras palavras, para dizer a nossa palavra. Sobre isso, Bakhtin esclarece que

Todo enunciado – da réplica sucinta (monovocal) do diálogo cotidiano ao grande romance ou tratado científico – tem, por assim dizer, um princípio absoluto e um fim absoluto: antes do seu início, os enunciados de outros; depois do seu término, os enunciados responsivos de outros (ou ao menos uma compreensão ativamente silenciosa do outro ou, por último, uma ação responsiva baseada nessa compreensão (2011, p. 275).

O presente artigo, todavia, não tenciona analisar o dialogismo, mas as relações dialógicas mantidas no enunciado “Os tesouros da Fé”, de Edir Macedo, particularmente, através do signo ideológico fé e de outros signos com os quais mantém ligações semânticas no texto em observação.

Signo ideológico

Falar de signo ideológico nos obriga a discutir o conceito de ideologia para o Círculo. Dependendo do contexto ou do lugar do qual falamos, ideologia pode significar algo extremamente negativo, alienador, ou não. Não é incomum encontrarmos em artigos e textos acadêmicos o equívoco, por exemplo, de propor discutir ideologia a partir da perspectiva do Círculo, tendo, porém, como horizonte teórico a Análise de Discurso ou Análise de Discurso Crítica. Apesar de compartilharem o mesmo lugar de partida (idéias marxistas) do Círculo, possuem noções distintas de ideologia.

Para as duas primeiras vertentes de estudos do discurso ideologia possui um sentido negativo, sendo, pois, sinônimo de mascaramento do real e promotora da manutenção das desigualdades sociais e de poder. Para o Círculo, porém, ideologia não possui essa conotação, mas representa as esferas de produção imaterial humana (manifestações superestruturais como a religião, o direito, a ética, a educação etc.) e, num sentido mais restrito, algo que reflete e refrata a realidade (FARACO, 2009, p. 47).

Signo e ideologia são elementos interdependentes, pois “tudo o que é ideológico possui um significado e [...] tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 31). Nem todo objeto possui um sentido específico, apesar de poderem ser percebidos, em algum momento, como significativos, simbólicos, como no caso da cruz grega de braços iguais (a suástica) dos nazistas. Porém “a palavra é o fenômeno ideológico por excelência” (Idem, 2009, p. 36). Qualquer palavra, desde que situada em enunciados concretos, é um signo ideológico, manifesta-se cercada de qualificações, vozes sociais e acentos apreciativos.

Por essa razão a escolha de observar o signo ideológico (palavra) fé e as relações dialógicas enredadas por esse signo no discurso macediano, pois “a verdadeira substância da língua não repousa na interioridade dos sistemas linguísticos, mas no processo de interação verbal” (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 15) por meio da qual os discursos revelam sua forma de produzir sentido. A linguagem é um veículo de ideologias, lugar de escolhas políticas, transporte de índices sociais de valores.

É um equívoco dissociar o signo do seu teor ideológico e do “meio social como centro organizador da atividade linguística”, tomando-o apenas como mero sinal, sem qualquer relação com o contexto histórico. (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 15). A ideologia não está na consciência, mas “só pode existir mediante sua materialização em signos criados no processo de interação verbal” (Idem, 2006, p. 16). E são esses signos portadores de arengas ideológicas, tablado de luta de classes e ensejo de posicionamentos políticos.

Tema e significação

Os conceitos de tema e significação estão diretamente associados à noção de enunciado concreto. A interação verbal, realidade fundamental da língua, materializa-se através de enunciados concretos, vivos e dinâmicos, que são assim descritos por envolverem sujeitos posicionados sócio-historicamente. Esses sujeitos falam de um determinado lugar, a partir de horizontes sociais específicos. Dessa forma, a enunciação concreta desses falantes traz em seu bojo “visões de mundo, acentos valorativos, orientações apreciativas” (MOLON; VIANNA, 2012, p. 152), que constituem os sentidos das palavras, criando significações visceralmente atreladas à situação de fala, fazendo da enunciação concreta um evento único e irreiterável, pois os sentidos das palavras (ou palavra) do enunciado resultam da soma dos elementos verbais e não-verbais presentes naquele contexto, são filhos do “instante histórico” ao qual pertencem (BAKHTIN/VOLCHÍNOV, 2009, p. 134).

Essa significação única, irreiterável é o tema da enunciação concreta. Diferentemente da significação, que é o sentido reiterável, idêntico. O tema é dinâmico; a significação é estática. Para ser mais claro, o tema seria a significação contextual de uma palavra nas condições de um enunciado concreto, e a significação seria a palavra tomada do sistema da língua, dicionarizada (Idem, p. 136). Essa “significação contextual” do tema está associada à ideia de acento apreciativo, ou acento de valor. A palavra no enunciado concreto sempre carrega um acento apreciativo que é determinado “pela situação social imediata em cujo quadro se desenvolve a conversa” (Idem, p. 139).

Uma palavra como “pólicia”, ao ser proferida por um sujeito, carrega apreciações singulares. Essa apreciação ou valor pode ser de contestação, contrariedade, injúria, exaltação, aprovação etc. O tema é uma propriedade de cada enunciação, mas que se realiza exclusivamente através dos acentos apreciativos (Idem).

“O tesouro da fé” sob auscultação bakhtiniana

Auscultar bakhtinicamente o discurso é ter como pressuposto a inexistência de neutralidade nos signos. Em diálogo com outros enunciados, os signos externam acentos apreciativos, dissimulam contradições ideológicas, refletem e refratam o mundo. Esse conjunto de ações realiza-se no discurso e através do discurso, tendo como protagonistas sujeitos que mobilizam a língua como forma de se posicionarem responsivamente e ideologicamente frente a outros enunciados.

Como uma esfera de produção ideológica, no universo religioso repete-se o mesmo fenômeno. Camuflados muitas vezes pelo *ethos*¹⁰ de sacralidade, o discurso religioso aparenta ser monológico, não-ideológico e adâmico. Concordamos com Bakhtin quando afirma que

[...] todo falante é por si mesmo um respondente em maior ou menor grau: porque de fato não é o primeiro falante, o primeiro a ter violado o eterno silêncio do universo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que usa mas também de alguns enunciados antecedentes – dos seus e alheios – com os quais o seu enunciado entra nessas ou naquelas relações (baseia-se neles, polemiza com eles, simplesmente os pressupõe já conhecidos do ouvinte). Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados (2011, p. 272).

O texto selecionado para a análise, “O Tesouro da Fé”, de Edir Macedo, está, evidentemente, dentro de um grande “elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados”.

Como os demais textos veiculados no blog do principal líder da IURD, alguns deles assinados por outros bispos da denominação, “O Tesouro da fé” é um texto simples, relacionado a aspectos práticos da vida dos seguidores e simpatizantes da IURD. No escrito, Edir Macedo discorre sobre a fé na qualidade de “arma de ataque

e defesa”, de algo “sobrenatural”, “inteligente” e que se relaciona a “tudo na vida”. Também pululam no enunciado instruções sobre os modos de proceder com a fé.

Logo no título, a associação dos signos tesouro e fé esboça um acento apreciativo de elogio à fé. A fé é um tesouro. Vemos que essa associação, a princípio, enceta relações dialógicas com a perspectiva holística da bíblia sobre fé. O dado bíblico é retomado, porém repleto de posicionamentos avaliativos, pois nenhuma prática discursiva é neutra por envolver “escolhas (intencionais ou não) ideológicas e políticas, atravessadas por relações de poder, que provocam diferentes efeitos no mundo social” (FABRÍCIO, 2006, p. 48).

Alguns exemplos corroboram a relação dialógica existente entre os enunciados supracitados.

No antigo testamento, fé deslinda-se como a principal característica dos maiores ícones da religião judaico-cristã. Noé, Abraão (conhecido como o pai da fé), Jô, Moisés, Davi, Isaías, Jeremias e Daniel destacaram-se, antes de tudo, por sua fé. Um texto que resume bem o valor da fé na literatura veterotestamentária é: “[...] o justo viverá pela fé” (BÍBLIA SAGRADA – ARA, Habacuque, 2.4b – ênfase do autor).

No novo testamento, enunciados sobre a importância da fé são ainda mais explícitos. O apóstolo Pedro, na sua primeira epístola, fala da fé como algo mais valioso do que o ouro refinado no fogo (BÍBLIA SAGRADA – NVI, 1 Pedro, 1. 7); na epístola de Judas, fé é metonimicamente empregada para representar a doutrina seguida pelos cristãos (Idem, Judas, 1. 3); para o apóstolo Paulo, a fé é o único meio pelo qual o indivíduo pode ser salvo¹¹ (BÍBLIA SAGRADA – NVI, Efésios, 2.8). O autor do livro de Hebreus diz que “sem fé é impossível agradar a Deus [...]” (Idem, Hebreus, 11.6a – ênfase do autor).

Esses enunciados sintetizam o que bíblicamente a fé representa: um elemento essencial para um relacionamento com Deus, que deve ser buscada e defendida, algo de extremo valor, indiscutivelmente, um tesouro.

O dado bíblico é um dos elos de enunciados frente ao qual Edir Macedo, em “O Tesouro da Fé”, assume uma postura ativamente responsiva. É uma das vozes à qual responde, porque há decerto outras vozes sociais diante das quais esse discurso se posiciona axiologicamente.

O signo ideológico fé apresenta-se no enunciado em análise não como uma palavra isolada e impessoal, mas como uma enunciação integral, “como representante do enunciado de um outro” (BAKHTIN, 2015, p. 210). Nele chocam-se “dialogicamente duas vozes” (Idem, p. 211), por isso materializa-se de forma refratada, desprendendo-se do sentido meramente abstrato e subjetivo de acreditar, seja numa doutrina, seja numa divindade.

Escolhas lexicais como “arma”, “ferramenta”, “negócios”, “produto”, “comércio”, “fabricação”, “sucesso” relacionadas semanticamente ao signo fé são extremamente axiológicas, valorativas, gerando aproximações com uma perspectiva ideologicamente materialista, imanentista e arreligiosa da realidade, ressignificando a noção bíblica de fé. Nesse hibridismo de vozes se estabelece, contraditoriamente, uma orientação avaliativa dentro da qual os espaços para se

pensar Deus, revelação, valores transcendentais e a fé, como em linhas gerais descreve a bíblia e o discurso cristão tradicional, são asfixiados. Macedo confirma discursivamente isso ao dizer que “a única coisa com que a Fé não tem parte é a religião. [...] Quando erroneamente se liga a fé à religião, certamente esse tipo de fé é fé natural e envolve sentimentos; nada tem a ver com a Fé Bíblica [...]”.

Mas para se entender a ressignificação do signo fé, devemos recorrer ao outro horizonte apreciativo com qual “O Tesouro da fé” mantém relações dialógicas, pois para se estudar os signos “é indispensável situá-los nos processos sociais globais que lhes dão significação” (FARACO, 2009, p. 49). Além do dado bíblico, a enunciação macediana trava relações dialógicas com outra voz: o neopentecostalismo. O neopentecostalismo se estabelece como o horizonte social e ideológico que, majoritariamente, institui reflexos, avaliações, posições e entoações no discurso de Edir Macedo e, conseqüentemente, no signo fé.

Fé concretiza-se refratada como um produto desencadeador de benesses temporais, como um elemento que pode ser “materializada em benefícios”. Numa tentativa de trazer exemplos práticos e acessíveis aos seus leitores sobre como essa “materialização” pode ocorrer, Macedo evoca outros signos ideológicos como “mercado financeiro”, “Bolsa de Valores”, “negócios”, “produto”, “comércio”, “fabricação”, “sucesso”, “carreira profissional”, para mostrar como a fé opera nesses espaços.

É válido destacar que o olhar do analista do discurso não está, necessariamente, no que é dito, mas na forma como o dito é dito, no intuito de desvelar as opacidades e ideologias, por vezes, ocultas por estratégias discursivas. Sendo assim, percebemos que os signos citados no parágrafo acima, mesmo em relação com o signo fé, comparecem no enunciado cercados de qualificações e vozes sociais que destoam do discurso cristão tradicional, com um veio discretamente neoliberal, mas explicitamente vinculados à teologia da prosperidade para a qual “[...] só não é próspero financeiramente, saudável e feliz nessa vida quem carece de fé” (MARIANO, 1999, p. 157).

Na enunciação concreta macediana, fé também é expressa valorativamente associada à idéia de sacrifício – “[...] a Fé depende de atitude ou coragem para sacrificar pelo que se crê”. Como ocorre com o signo fé, o signo sacrifício é “reavaliado”, sofrendo um deslocamento de um contexto apreciativo (o enunciado bíblico) para outro (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 141). O acento apreciativo de sacrifício não é o de dar-se a Deus, nem o da busca pela indulgência divina, como ocorre no enunciado bíblico, mas o de dispor o que se tem em busca do que se “crê”, ou seja, dar para receber. Por essa razão, o ofertante precisa de “atitude”, “coragem”, disposição para não “desistir do objetivo” e conseguir “sucesso”, o que vem a calhar plenamente com o discurso neopentecostal. Como diz Mariano, “o apego dos neopentecostais ao mundo é indisfarçável” (Idem, p. 44). O interesse está no aqui e no agora. “E, para isso, nada melhor do que ter Cristo no coração [...] e obter a retribuição divina agora e sempre” (Idem).

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Apresentamos nesse trabalho uma ligeira análise dialógica do discurso de Edir Macedo, mais precisamente uma análise do signo ideológico fé a partir do enunciado “O Tesouro da Fé”, do líder maior da IURD. Nossa intenção foi, retomando sinteticamente o que vem a ser a LA e o que a mesma se propõe a estudar, mapeando, ainda que de forma inacabada, o movimento neopentecostal, traçar as relações dialógicas mantidas entre o discurso macediano no enunciado em análise com as vozes diante das quais aquele enunciado se posiciona axiologicamente.

Para a realização desse trabalho e a conseqüente execução dos objetivos traçados, ancoramo-nos nos conceitos de signo ideológico, dialogismo, tema e significação, conforme se apresentam para o Círculo de Bakhtin. A idéia não foi debruçarmo-nos profundamente nesses conceitos, mas utilizá-los como categorias de análise de modo que pudéssemos perceber as relações dialógicas, as ideologias, as refrações, os temas e os acentos apreciativos especialmente transportados pelo signo ideológico fé.

A análise nos fez reconhecer os outros com os quais o discurso macediano dialoga frontalmente: o enunciado bíblico e o neopentecostalismo. Ambos são interlocutores do enunciado “O Tesouro da Fé”. Percebemos também que o ato de responsividade mantido nesse texto de Edir Macedo com os interlocutores já mencionados foi decisivo na ressignificação valorativa do signo fé.

Notas

¹Compreende a produção de intelectuais, de áreas distintas, e os encontros realizaram entre os anos de 1920 a 1970, na Rússia, nos quais ocorreram vários e produtivos Círculos de discussão e construção de posicionamentos acerca da linguagem. Dentre os participantes, se notabilizaram V. N. Voloshinov, P. Medvedev e, sobretudo, M. Bakhtin.

²Também conhecido como “terceira onda do movimento pentecostal”, foi um movimento surgido na década de 70 com fortíssima ênfase na prosperidade financeira e no exorcismo espiritual.

³Tomamos a palavra “discurso”, nesse artigo, na perspectiva bakhtiniana. Para Bakhtin, o discurso é “a língua em sua integralidade concreta e viva, e não a língua como objeto específico da linguística” (BAKHTIN, 2015, p. 205).

⁴Esses números são citados por Bledsoe (2012), mas da obra de Tavolaro (2007), o que nos faz pensar, tendo em mente o crescimento obtido pela IURD nas últimas três décadas, atualmente em números superiores aos supramencionados.

⁵ Movimento de renovação carismática dentro do protestantismo, iniciado na primeira década do século XX, com acentuada ênfase nos chamados “dons do Espírito Santo”, que tem na Igreja Assembleia de Deus sua maior representante.

⁶No contexto da obra citada, termo utilizado para designar a antiguidade dessas denominações.

⁷Também conhecido por “glossolalia”, do grego “glossa” – “língua” e “laleo” – “falar”, que expressa a crença pentecostal na capacidade externada pelos aderentes de, ao serem “batizados pelo Espírito Santo”, conseguirem falar com fluência numa linguagem desconhecida. Segundo os pentecostais, tal experiência encontra suas raízes no livro de Atos dos Apóstolos, no qual é narrado o recebimento do Espírito Santo por parte dos primeiros cristãos e o recebimento do dom de línguas, no capítulo dois do texto bíblico.

⁸Pode ser definida como um conjunto de crenças, valores e posicionamentos, surgidos nos Estados Unidos, que afirma a legitimidade da busca, por parte dos crentes, do favor divino para a vida material e financeira, de modo que o sucesso e a prosperidade são sempre creditados à benção de Deus sobre o fiel. Na teologia da prosperidade, a salvação deixa de ser apenas a espera pelo “céu” para ser também uma fonte de benesses materiais para o agora.

⁹No sentido de “fazer conversar”.

¹⁰“Ethos” com o sentido de “imagem de si” construída discursivamente (AMOSSY [org.], 2011, p. 10).

¹¹ Salvação na perspectiva judaico-cristã.

1 Fonte Calibri, 11.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoievski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

_____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOSHÍNOV. **Marxismo de Filosofia da Linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 13^a. Ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2009.

BLEDSON, David Allen. **Movimento neopentecostal brasileiro: um estudo de caso**. São Paulo: Hagnos, 2012.

BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

_____. **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

CARMO, Cláudio Márcio. A Hibridização e a Constituição do Discurso Evangélico na Mídia Televisiva. In: MAGALHÃES, Célia (Org.). **Reflexões sobre a análise crítica do discurso**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras-UFMG, 2001.

CELANI, M. A. A. Afinal o que é Linguística Aplicada? In: PASCHOAL, M. S. Z.; CELANI, M. A. A. (Orgs.) **Linguística Aplicada: da aplicação da linguística à linguística transdisciplinar**. São Paulo: EDUC, 1992, p. 15-23.

FABRÍCIO, B. F. Linguística Aplicada como espaço de “desaprendizagem”: redescrições em curso. In: MOITA-LOPES, L. P. (Org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 45-65.

FARACO, C. A. **Linguagem e diálogo**: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola, 2009.

GONÇALVES, Delmo. **Neopentecostalismo**: nascimento, desenvolvimento e contemporaneidade: uma análise da IURD e seus elementos ético-religiosos. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

GONÇALVES, L. E. Q. **Quem vê capa não vê coração**: um olhar bakhtiniano sobre a construção de sentido da imagem dos evangélicos em capas da Revista Veja. 2015. 127p. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza. 2015.

MOITA-LOPES, L. P. Afinal o que é Linguística Aplicada? In: MOITA-LOPES, L. P. **Oficina de linguística aplicada**. São Paulo: Mercado das Letras, 1996, p. 17-25.

_____. Da aplicação de Linguística à Linguística Aplicada indisciplinar. In: PEREIRA, R. C.; ROCA, P. (Org.). **Linguística Aplicada** – um caminho com diferentes acessos. São Paulo: Editora Contexto, 2009, p. 11-24.

MACEDO, Edir. **O Tesouro da Fé**. 05 jun. 2017. Disponível em: <<http://blogs.universal.org/bispomacedo/>>. Acesso em 15 jun. 2017.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MIOTELLO, Valdemir (org.) **Lago dos signos**: identidade, discurso e memória. São Carlos: Pedro e João Editores, 2007.

MOLON, N. D.; VIANNA, R. O Círculo de Bakhtin e a Linguística Aplicada. In: **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 142-165, Jul/Dez. 2012. Disponível em <<https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/index>>. Acesso em: 28 jun. 2017.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. **Análise de discurso crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

SAWATOWISKI, C. W. Texto e contexto da fé: o discurso mediado de Edir Macedo. In: **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 114-131 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rs/v27n1/a05v27n1.pdf>>. Acesso em 01 jul 2017.

SOUZA, Beatriz Muniz; MARTINO, Luís Mauro Sá. **Solicologia da religião e mudança social**: católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil. São Paulo: Paulus, 2004.

Bíblia Sagrada. Nova Versão Internacional. Disponível em: <<http://www.bibliaonline.com.br/nvi>>. Acesso em: 28 jun. 2017.

Bíblia Sagrada. Almeida Revista e Atualizada. Disponível em: <http://www.biblia.com.br/joaoferreiraalmeidarevistaeatualizada/>. Acesso em: 28 jun. 2017



Para citar este artigo

SILVA, Francisco Geilson Rocha da. O SIGNO IDELÓGICO FÉ NO DISCURSO NEOPENTECOSTAL DE EDIR MACEDO SOB AUSCULTAÇÃO BAKHTINIANA. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 7., n. 2., JUL-DEZ, 2018, p. 57-71.

O Autor

Francisco Geilson Rocha da Silva é Aluno do Curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada (PosLa) da Universidade Estadual do Ceará – UECE.